

J. Rodrigues de Carvalho

Como Milton cego, tenho, algumas vezes, tentado cantar o Sol que não vejo — disse o grande pensador de *Os Miseráveis* (*).

Eu não tenho, sr. Presidente, buscado cantar o Sol como Milton; adorando os fenômenos da luz desde a refração policrômica observada através das arestas de um diamante até o incêndio ciclópico da tarde, da ardentia da vaga ao espírito rubro do vulcão; vendo desde o cálice de uma flor, que ameaça abrir-se pela ação benéfica e cariciante da luz matutina até as planícies dos sertões do norte, que se enegrecem pela ação comburente dos raios solares; eu, sr. Presidente, dizia, não busco cantar o Sol como o divino cantor de *O Paraíso Perdido*, canto-o simplesmente como um cego vulgar.

No domínio da botânica, ou, antes, na inconsciência muda das florestas, um exemplo, meus Senhores, existe de amor, tão profundamente filosófico, que, esquecendo todos os preceitos patronímicos de todas as religiões, o bálsamo de todos os afagos, a sombra de todos os pálios, o silêncio carinhoso de todos os símbolos, a penumbra de todos os mantos, eu deixo as lições salutares dos ritos para invocar tão-somente o exemplo na piedade fraterna, que o cedro frondoso da floresta

(*) Victor Hugo — *Litteratura et Philosophie*.

apregoa quando, sob os galhos sussurrantes cariciosamente espalmados, em forma de asilo materno, abriga a planta humilde que feneceria sem aquele gênio protetor das matas seculares.

Eu me refiro às árvores protetoras.

Vejo, efetivamente, que, para certo gênero de plantas, o arrimo é tudo, desde a sombra que ajudou-a na vida embrionária até à copa frondente, que, numa linguagem muda, mas expressiva, incutiu confiança e estímulo à humilde companheira, agora vicejante, rebentam em flores, como em protesto de gratidão.

Ninguém, senão um produto mau do acaso, encaminhará seus passos sem o cunho de um exemplo; desenvolverá as faculdades emotivas sem o ensinamento da vida exterior ou sem a luz da experiência. Para todos os tirocínios é mister o encadeiamento de uma vida sabiamente vivida.

O cabelo branco será sempre a Bíblia para as estroinices do moço.

E só por essa intuição natural das almas benfazejas é que ilustrados membros da Academia Cearense poderiam escolher o meu humilde nome para membro desta Casa.

Foi o exemplo do roble carinhoso, altaneiro e frondente, a convidar a plantinha humilde às exuberâncias da verdura, ao perfume da selva, às simpatias dos ninhos, as orvalhadas iriantes das folhagens.

Pobre planta rastejante, o que serias sem a confiança que te inspira a seiva balsâmica desses robles da ciência e das letras?!

Desvanecido pela honra, embora imerecida, ao abrigo do pátio estrelejante que tecestes sobre vossas cabeças com as lições da sabedoria, a admirá-lo simplesmente preso da emoção do troglodita que descortinasse o céu pela primeira vez; tendo francos os vossos ensinamentos, a fonte de vossas palavras, o atrito benéfico de vossa convivência, o apoio de vossa solidariedade, assento-me nesta Cadeira cheio de acanhamento e responsabilidades.

Acanhamento por não poder fazer mover, ao menos, a concha descida com a perda de seu primeiro dono; e responsabilidade, em face da grande responsabilidade daqueles que me honraram com a sua confiança, escolhendo o meu nome.

Mas, parodiando o profundo autor das *Legendas dos Séculos*, eu continuarei a cantar o Sol, que não vejo no firmamento de minhas acanhadas concepções, mas, de hoje avante, nos vossos exemplos.

Quis o destino que o mais humilde dos sucessores viesse, ao ocupar esta Cadeira, rememorar a vida do Dr. José Carlos da Costa Ribeiro Júnior, vida entrelaçada de virtudes e ensinamentos, no lar e na sociedade, na política ou na imprensa, onde em mudez simbólica de inscrição tumular, ver-se-á sempre alguma coisa saudosamente triste todas as vezes que invocarmos sua memória.

Pesada tarefa a de fazer o histórico de um morto ilustre; tanto mais quando nos falece competência, e no vácuo deixado ainda não têm enxugado todas as lágrimas. De cada canto onde buscamos esmerilhar um acontecimento mareja uma gota d'água; seus atos, sua vida, sua abnegação, todo o sulco, enfim, de sua passagem pela estrada da vida está ainda ensopado de pranto, como via-dolorosa por onde vai chorando inconsolável uma viúva desolada com um cortejo de anjinhos enlutados.

Mas, deixemos o trecho mais penoso de nossa viagem, aqui onde a voragem de dois abismos — a vida e a morte — confundem-se num amplexo de mistérios, e o vento canta fundo e dorido o terno *miserere* das folhas dos ciprestes.

A morte é a causa de toda a filosofia; mas, tratando-se da morte, embora gênios como Schopenhauer, no sublime desvario de sua inteligência, proclamem a indestrutibilidade do homem e das coisas, eu penso que sobre o invólucro frio de uma vida extinta deve-se escrever a misteriosa frase de Shakespeare, como a legenda do incognoscível: "o resto é silêncio. . ." (*)

(*) *Hamlet*.

Em sessão desta Academia o erudito e invejável tribuno, Dr. Justiniano de Serpa, membro desta Casa, com aquela facilidade da palavra aprimorada que lhe é peculiar, teve ocasião de pôr em relevo sob todas as faces a vida do ilustre morto a que me tenho referido, e fê-lo com tanta vantagem que tentar eu enaltecer o nome de José Carlos Júnior, ainda mesmo com a admiração religiosa que me inspira, seria pretender erigir em barro um vulto já rememorado na eternidade do mármore.

Em obediência, pois, tão-somente aos Estatutos desta respeitável associação é que arrojamo-me a ocupar esta tribuna; e, em traços ligeiros, tratarei da vida literária do Acadêmico a que venho suceder; da vida literária, disse eu, pois, quanto à particular, fica julgada com o seguinte conceito em que parodio a Plínio, o Moço, ocupando-se de um seu contemporâneo ilustre:

“Só tinha um defeito, não ter defeito.”

José Carlos Júnior não tinha vãos de gênio, mas inteligência bem orientada, aliada ao influxo do bom senso; dotado desse conjunto raríssimo que dá espírito equilibrado a um homem de letras, dessa razão calma e refletida de que não gozam os homens de gênio, e que faz o magistrado íntegro, o pedagogo erudito, o crítico imparcial, o jornalista criterioso, o literato de gabinete, enfim, o pranteado homem de letras tinha a riqueza mental de uma inteligência fecunda e modesta. E a característica de José Carlos Júnior era o bom senso, a moderação e a modéstia em todas as manifestações de sua vida.

Tive a satisfação de ser seu conterrâneo, e posso afirmar que ele nunca passou por essa quadra de infantilidade dos primeiros passos, a julgar pela circunspecção com que pautava os seus atos.

Preparatoriano na Paraíba do Norte, nossa terra natal, ele atravessou o seu primeiro ensino coberto dos lauréis escolares, e sempre distinguido pelo elemento predominante em seu caráter: a aliança da inteligência ao bom senso.

Nesta fase ligou José Carlos Júnior o seu nome à vida da imprensa escolástica, em que tinha a primazia de ser o mentor de seus colegas. Enquanto estes produziam o artigo campanudo de todos os estreantes ou desciam à pieguice vulgar dos enredos amorosos, ele, do alto de um ponto de vista mais elevado, doutrinava sobre a instrução, fazia estilo saturado de verve educado nos seus contos humorísticos; era sempre admirado, sempre invejado.

Sem envergonharem o homem de letras experimentado, foram publicados não há muito tempo produções de sua época escolar, que muito vem em apoio destes conceitos.

Temos em seu tirocínio *A Crença*, *a Esperança*, *o Eco Escolar*, da Paraíba, etc., etc.

O Dr. Justiniano de Serpa, ocupando-se de seu espólio literário, disse: "Encontram-se entre os escritos do Dr. José Carlos Júnior belos fragmentos de filosofia, literatura, política, mimosíssimos discursos e polêmicas. Mas, a despeito dessa variedade de trabalhos, sente-se dificuldade quase invencível em julgar a sua obra." (*)

De fato. Quem poderá julgar convenientemente por fragmentos, preciosos embora, a individualidade de um artista ou o valor literário de um escritor?

A Vênus de Milo atesta a manifestação genial da escultura; mas redobraría o assombro dos séculos futuros se não fosse apenas um exemplo vivo da sublimidade da arte a transparecer em contornos mutilados.

Como fixar uma individualidade em José Carlos Júnior, como jornalista, crítico, *conteur*, orador ou poeta, quando de todas essas manifestações da inteligência deixou apenas tentames, auspiciosos, embora?

Alma descortinadora e fecunda, o nosso pranteado amigo, pela elevada educação literária que possuía, olhava desdenhoso para os seus próprios cometimentos nas letras, achando-os sempre aquém do ponto de vista altanado em que colocava as obras de elite.

(*) *Revista da Academia Cearense*, 2.º vol.

Este pessimismo esterilizante é o mal que grassa entre a maior parte de nossos homens de letras: acham que o plano vulgar é muito chato; espíritos ávidos de alguma coisa nova, nessa febre de criar originalidades (se é permitida a expressão) descrêem de seus próprios méritos, dão facetas diversas aos seus conhecimentos e aspirações, e daí a timidez, o entibramento, a aridez, a aniquilação enfim a que têm de cair espíritos que poderiam ter proveitosa fertilidade no campo das letras.

José Carlos Júnior aprendeu línguas, leu muito, educou-se na crítica, ensaiou o conto, cultivou a rima, mas via tudo isto por um prisma ensombrado de pessimismo; e eis por que não deixou um livro de contos, não completou um opúsculo de versos, não enfeixou em volume os seus artigos de crítica e polêmicas literárias; tendo apenas uma tentativa de tudo. O *Mal Americano* seria, talvez, a obra-prima do operoso homem de letras, um livro de análise político-social para a nossa paupérrima história política, se os esforços do autor tivessem convergido nestes últimos tempos só para aquela obra. Todos sabemos que ele tinha observação, critério, estilo e erudição precisos para nos dotar com um livro bom no gênero; mas o que temos do *Mal Americano*? um artigo de introdução estampado no *Ceará Ilustrado*.

Como crítico era, a meu ver, um ótimo analista para os homens e as cousas; mas o que ficou neste ramo? alguns artigos esparsos, entre os quais posso destacar "Os que se foram", publicados há um ano mais ou menos na *República*.

Artigos de combate: deixou-os de política local, quando muito, e foi todo o seu esforço na espécie; podendo, entretanto, nesta quadra de degenerescência do caráter, de amorfia filosófica, e ensaios igualitários de socialismo, ter dado alguns passos como doutrinador.

Como educador: Quando os poderes públicos deixam na mudez das portarias as reformas do ensino tentadas por profissionais ilustres, e o caráter nacional tende pelas normas rotineiras da educação; que é seu denominador comum ao estado mórbido de um marasmo cívico, visto que, na frase de

Kant, a educação transforma a animalidade; para o nosso meio, ou, antes, para o meio brasileiro, afirmo-o sem rebuço, José Carlos Júnior era um educador emérito.

A nossa mocidade muito deve à sua reconhecida vocação para o magistério. Dotado de uma lhanza fina e educadíssima, de um modo carinhoso de transmitir lições, compenetrado dos deveres sociais do homem, pelo que sabia aliar vantajosamente a teoria à prática na educação, observadas as relatividades, era o pranteado preceptor idolatrado pelos seus discípulos, e muito mais pela família cearense. Uma das facetas mais brilhantes para julgar-se de seu caráter adamanfino era, sem dúvida, essa espontaneidade de doçura e carinho para com as crianças.

Cristo seria para mim o evangelizador por excelência, o coração de arminho de todas as lendas da ternura e do amor, só pelo modo por que pedia que deixassem ir a ele as crianças. Milton, antes de compor o *Paraíso Perdido*, cantava um poema mais profundamente humano, só pelo modo com que acarinhava a filha idolatrada, que escrevia as estrofes do imortal poema, ditados por um cego que, retinas contraídas, a meditar nas trevas, via pelo resto da humanidade (*). Hugo poderia rasgar *Os Miseráveis*, deixando ilesas as páginas sobre Fantina.

Cercado de crianças no lar, com a audição afinada por gorjeios infantis, ministrando conselhos à mocidade, José Carlos Júnior, como pedagogo, adaptou-se tanto a esse meio inocente que um dos seus mais belos trabalhos, desses fragmentos encontrados pelos jornais, é, incontestavelmente, a *Infância outrora e hoje*.

Legou-nos também um estudo sobre as línguas oriundas do latim e um tratado sobre a língua inglesa. Como tradutor, era perfeito, tendo deixado algumas traduções do inglês, alemão, francês, italiano e espanhol.

(*) *Paraíso Perdido* — Prefácio.

Como poeta: É preciso falar a verdade sempre, ainda mesmo quando tenhamos de pôr em relevo um julgamento sobre o mármore de uma campa.

Um morto sentirá espinhos numa coroa de lauréis tecida com lisonja e inverdades.

José Carlos Júnior não teria renome para alfombrar-lhe a memória só com o seu galardão de poeta.

Para ser poeta é preciso não ter jamais calculado o preço de uma baixeza ou o salário de uma mentira, disse Hugo na sua *Literatura e Filosofia*. Efetivamente, por esta face, pelo lado moral, ninguém foi melhor poeta que José Carlos Júnior. Mas o nosso inolvidável literato tinha senso demais para ser poeta. Como asilar-se naquele cérebro moderado como um lago, inalterável, firme em suas concepções, naquele ninho arminhoso de pomba, a ave torturada da poesia, indomável, nervosa, inconstante e insubmissa, a um só tempo colibri e abutre?

O poeta é a personificação do albatroz, disse Baudelaire em uma de suas endeixas satânicas, a nos pintar a ave a oscilar sobre as ondas, ora a mergulhar na safira das águas ora na turquesa do espaço. (*)

Eu acho que o poeta é mais do que isto: entesoura em si todos os arcanos da natureza, o ímpeto da vaga e o remanso do lago, o olhar do cordeiro e a escarpa da foca, o espinho e a flor, o nada e o universo, o berço e a campa, o dia e a noite, todas as contradições da natureza (porque a natureza é toda uma contradição, como diz Nordau) são para mim a simbolização do poeta.

Diz Shule que do sublime ao ridículo medeia um passo; eu, parodiando Shule, entendo que do verdadeiro poeta para o louco há apenas a parede do cubículo, que deve separar as duas espécies de loucura.

José Carlos Junior tinha essa excentricidade peculiar aos nevropatas?

Sentiria, acaso, essas secretas vibrações de nervos, que ocasionam as grandes crises psíquicas?

(*) *Fleurs du Mai*.

Não, a sua característica era a moderação em tudo, um equilíbrio de ações a toda prova.

Demais, a poesia brasileira divide-se em quatro fases a meu ver: Gregório de Matos, cantando, impulsionado pela calentura desta natureza, todo o encanto afrodisíaco da crioula baiana; Durão, no tom quinhentista dos épicos portugueses, dando uma feição de epopéia aos fatos mais notáveis de nossa vida colonial; Castro Alves e Tobias Barreto, dando asas ao condoreirismo, como verdadeiros condores; e, hoje, finalmente, o *bibelot* rimado, importado do meio parisiense, nacionalizado pela pachorra chinesa de Olavo Bilac, engrandecido, ao vigor de nossas riquezas e encantos naturais, pela imaginação profundamente fecunda de Luís Murat.

José Carlos Júnior deixava transparecer nos seus versos vislumbre de alguma destas fases?

As suas produções poéticas, primando pelo tom clássico da frase, repassadas de condimentos filosóficos, e sobre um fundo ora de ternura, ora de humorismo, não tem a expansão exuberante que deve possuir o verdadeiro poeta meridional; são friamente delineadas e palidamente debuxadas. Há nelas falta de vida... caem quase sempre numa atonia de tintas, inclinando-se à monotonia das produções massudas. Sem obedecerem a uma escola definida, sem o influxo ao menos da estrofe da *moda*, são vasadas no ecletismo comum dos poetas vulgares. Mas... talvez tenha me excedido. Sobre a campa de um morto, cuja história submete-se à luz meridiana da análise, só devemos plantar lauréis? O respeito que voto à memória de José Carlos Júnior me perdoará a franqueza, que me faz não semear somente flores sobre o seu nome de literato inolvidável.

Do escorço que acabo de traçar, vê-se que o pranteado Acadêmico não deixou uma obra sólida sobre a qual pudesse plantar o seu padrão de glória, a não ser essa fragmentação de trabalhos que, quando muito, atestarão as diversas facetas de uma inteligência equilibrada e fecunda, mas sem a perseverança dos trabalhadores.

Ajuize outro por prismas diferentes a sua vida literária; quanto a mim, tenha cometido alguma injustiça pelo rigor de meu julgamento; tenha esborcinado apenas a auréola de afeto e admiração cingida pelos seus amigos, resta-me um consolo para resgatar a minha profanação: a consciência de ter unido as minhas palavras com a maior sinceridade.

Vou terminar, sr. Presidente, e faço-o mais com o fim de descansar os ouvidos dos circunstantes, torturados pela monotonia de minha palavra rude e indisciplinada, do que por ter cumprido fielmente a minha missão.

Honrado e sinceramente comovido por ter de ocupar esta Cadeira, lembro-me de uma lenda tocante de que nos fala a tradição sobre o passado longínquo dos Faraós.

Nas plagas requeimadas do Egito, debaixo do baldaquim diáfano daquele céu, contemplando a majestade silenciosa das pirâmides e a grandeza majestosa do Nilo, ouve o beduíno do deserto, aos primeiros raios solares, a estátua de Menon gemer . . . gemer dolorosamente, como se uma saudade infinda de seu país, das suas riquezas, ou uma compaixão pungentíssima pelo presente vibrasse no íntimo da estátua de granito.

E, diz-me a consciência, que, com substituição tão incompleta, esta Cadeira gemerá como gemia o Faraó de pedra!